



DOM JOSÉ ANTÔNIO DOS REIS - 1º BISPO DE CUIABÁ

Clóvis de Mello

I - SÍNTESE BIOGRÁFICA

Nasceu em São Paulo, a 10 de janeiro de 1798 e faleceu em Cuiabá, a 11 de outubro de 1876. Formou-se em Direito, em 1832, pela faculdade de Direito de São Paulo, sendo da 1ª Turma daquela Faculdade.

Descendente de família humilde, a seu respeito escreveu Nabuco de Araújo, citado por ESTEVÃO DE MENDONÇA nas *Datas Mato-Grossenses*:

Coberto de andrajos, com os pés nus, exausto de fome, gelado pelo frio e pela sede, sofrendo dias inteiros a falta de nutrição pelo vexame de estender a mão para pedir, não faltava contudo às aulas, cuidando de alimentar o espírito com mais preciosa seiva, merecendo pela assiduidade, estudo e aplicação, a atenção de seus mestres e condiscípulos. As horas vagas, empregava-as o excelente moço em remendar no fundo do aposento, e com suas próprias mãos, os sapatos e as roupas; sentado sobre uma pele de carneiro, que lhe servia de leito, tecia meias para vender e assim minorar a sua miséria. Por essa forma, conseguiu o termo dos seus estudos eclesiásticos, e sendo aprovado com louvores, foi proposto pelo proprietário da cadeira para o lugar de lente substituto de Teologia Dogmática e Moral. Contra essa indicação insurgiram-se os seus companheiros de turma,

3. *Curs* sob o fundamento de que "repugnava ver na cadeira do magistério um homem que nem tinha roupa para vestir-se decentemente". Sabedor do ocorrido, e como resposta eloqüente àquela imposição, o bispo D. Matheus apressou-se em assinar a portaria de nomeação, marcando-lhe o ordenado de 7\$200 por mês.

A 27 de agosto de 1831, quando ainda cursava a Faculdade de Direito, fora eleito Bispo pela Regência Trina e apresentado à Santa Sé por Carta Imperial de 07.01.1832, sendo preconizado Bispo por Gregório XVI, a 02 de junho do mesmo ano. Recebeu a sagração episcopal das mãos de Dom Manuel Joaquim Gonçalves de Andrade, tomando posse do seu bispado a 02.06.1833, por seu procurador - Cônego JOSÉ DA SILVA GUIMARÃES, e, a 27 de novembro do mesmo ano, chegava a Cuiabá.

No morticínio de 30 de maio de 1834, conhecido pelo nome de "RUSGA", Dom José, procurando aplacar a ira popular, saiu às ruas com o crucifixo às mãos; porém, baldados foram seus esforços e suas súplicas. O levante explodiu e se espalhou por toda a Província. O povo irado reclamava a retirada dos portugueses do solo pátrio.

No mesmo ano de 1834, Dom José teve de seguir para o Rio de Janeiro, como representante de São Paulo na Câmara dos Deputados, só retornando à Cuiabá em janeiro de 1842. Todavia, no Rio, para onde levou alguns candidatos ao estado eclesiástico, cuja preparação fora iniciada pelo Frei José Maria de Macerata, teve D. José a oportunidade de ordenar vários sacerdotes: PP. Benedito de Araújo Filgueira e Manoel da Costa e Silva, em 1839; em 1840, ordenou mais quatro padres: PP. Bernardino Rodrigues Nunes, José de Vasconcelos Castelo Branco, Joaquim José Ferreira da Cunha e Manoel Pereira Mendes. Estes seis padres vieram imediatamente para Cuiabá. Educador emérito, Dom José organizou o ensino eclesiástico em sua própria residência na Rua Antônio Maria. Fundou, em 1853, o Seminário da Conceição, tendo sido nomeado o Pe. Ernesto Camilo Barreto para reger a Cadeira de Teologia Dogmática e Moral. Todavia, o lançamento solene da pedra fundamental do Seminário da Conceição somente ocorreu a 07 de dezembro de 1858. Falecido em 1876, apesar de todos seus esforços, Dom José não conseguiu ver terminado o Seminário, cujas obras foram concluídas, em 1882, por Dom CARLOS LUÍS D'AMOUR.

O Seminário da Conceição viveu nos anos de 1853 a 1866 seu período áureo.

Comendador da Ordem de Cristo, Prelado Doméstico e Conde Romano, o 1º Bispo de Cuiabá foi, em Mato Grosso, um dos iniciadores do abolicionismo. Era

sócio do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e de várias outras sociedades culturais. Escreveu *Pastorais e Sermões*, a cujo respeito disse Joaquim Ferreira Moutinho, em sua obra *Notícias Sobre a Província da Mato Grosso*: - *Se fossem publicados lhe fariam o nome imortal*. Publicou: *Compêndio de Teologia Moral*, dois volumes, 1837, que atingiu a 3ª edição.

Em 1867, em plena Guerra do Paraguai, grassou na Província da Mato Grosso a epidemia da varíola e, em menos de dois meses, metade da população de Cuiabá pereceu vitimada pelo terrível flagelo. Dom José transformou sua própria residência em hospital para os enfermos; passava as noites em permanente vigília, num trabalho da profunda piedade e santa abnegação.

Eis a razão pela qual, o nosso confrade ESTEVÃO DE MENDONÇA tinha dele este conceito: *Todo o bem que se pode dizer do Bispo Dom JOSÉ ANTÔNIO DOS REIS, falecido nesta capital a 11 de outubro de 1876, ficará sempre aquém das suas virtudes*.

Ao tomar posse na Poltrona Acadêmica nº 9, RUBENS DE MENDONÇA reafirma o justo conceito que o ilustre pai tinha a respeito de D. JOSÉ. Transcreve, também, notícia da morte de Dom JOSÉ, publicada pela *Situação*, jornal da época:

Em seu belo caráter predominavam notavelmente a mansidão e a bondade. Durante a cruel epidemia da varíola que se manifestou em Cuiabá e assolou toda a Província, o digno prelado não se afastou do foco pestilento e com sua palavra consoladora e bolsa caridosa correu em socorro dos seus diocesanos.....Depois de um tranqüilo e edificante episcopado de quarenta e três anos, dez meses e três dias, o mais longo que tem havido no Brasil, expirou rodeado de amor e veneração do seu rebanho, que o pranteou como verdadeiro pai. O palácio episcopal não poderia conter a onda de povo para vê-lo partir para a derradeira viagem. No dia 12, o seu cadáver, que não pôde ser embalsamado, foi levado com um acompanhamento de mais de cinco mil pessoas e sepultado na Catedral. Foi nesse momento que vozes se ergueram uníssonas exprimindo o pensamento, que será guardado como relíquia do ilustre morto: "ASSIM SE PODE MORRER!"

Esta síntese biográfica de Dom JOSÉ ANTÔNIO DOS REIS de minha autoria, publicada no *D.O. Cultura*, edição de 30.11.93, não revela, nem de longe, a grandiosidade da vida e da obra do Primeiro Bispo de Cuiabá.

Passamos, assim, a descortinar as passagens mais importantes da vida do grande varão paulista e mato-grossense.

II - O PRIMEIRO NETO DE TIBIRIÇA NO EPISCOPADO NACIONAL

O Pe. Wanir Delfino César, meu ilustre mestre, do I.H.G.M.T, Instituto Histórico Geológico de Sorocaba e da Academia Mato-Grossense de Letras, cuja presidência exerceu antes que insidiosa moléstia o roubasse de nosso convívio, escreveu, sob o título epigrafado, os dados genealógicos do primeiro Bispo Diocesano de Cuiabá, Dom JOSÉ ANTÔNIO DOS REIS (Rev. do I.H.G.M.T- 1953-1954 - Tomos LIX-LXII - Anos XXV - XXVI).

Nesta preciosa pesquisa, o Pe. Wanir nos revela a árvore genealógica de Dom JOSÉ até Martin Afonso Tibiriçá, o famoso cacique que ajudou os jesuítas na consolidação da Missão, a 25 de janeiro de 1554, data consagrada como de fundação da cidade de São Paulo.

Dom JOSÉ era filho de Francisco Mendes de Oliveira, falecido em 18 de outubro de 1804, e de Ana Maria Franco, cujo óbito ocorreu a 22 de outubro de 1812. Nascido em 10.01.1798. Dom JOSÉ ficou órfão em tenra idade, quando passou aos cuidados de um tio, Cônego da Sé, que, já muito idoso, logo veio a falecer.

Órfão e sem recursos, árdua foi a caminhada de Dom JOSÉ rumo ao seu luminoso porvir.

Na *Síntese biográfica de Dom JOSÉ ANTÔNIO DOS REIS*, elaborada por Luis- Philippe Pereira Leite, da Academia Mato-Grossense de Letras e do I.G.H.M.T, cuja Presidência exerceu, ao longo de 20 (vinte) anos, no período de 1976 a 1996, quando, praticamente, foi o mecenas das Revistas do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, refere-se o eminente historiador, que é membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, aos mais diferentes aspectos da vida do varão ilustre Dom JOSÉ ANTÔNIO DOS REIS (Rev. Do I.H.G.M.T, - 1955- 1976- Tomos LXIII - CVI - Anos XXVII - XLVIII, págs. 118/128)

Neste excelente trabalho, Luis-Philippe ressalta o Curso de filosofia realizado por Dom JOSÉ, em 1813, quando o mais brilhante orador sacro do Brasil Imperial, o padre Frei Francisco de Montalverne, abriu, em São Paulo, um Curso de Filosofia, no qual se destacou Dom JOSÉ, atraindo para ele as atenções do próprio Bispo Diocesano de São Paulo, Dom Matheus da Abreu Pereira.

Justifica-se, assim, a proteção dispensada por Dom Matheus ao jovem estudante, estimulando-lhe a carreira eclesiástica e nomeando-o altareiro da Sé. Versado em filosofia, devotado inteiramente aos estudos, apesar das condições adversas, foi relativamente fácil ao obstinado estudante ingressar no campo da Teologia, com grande aproveitamento, sendo ordenado sacerdote no sábado santo do ano de 1821, aos 23 (vinte e três) anos de idade.

Note-se, outrossim, que, tamanha era a inteligência e preparo do então jovem clérigo, que ainda em 1818, aos 20 (vinte) anos de idade, foi nomeado professor substituto das cadeiras de Teologia Dogmática e Moral, até 1821, data de sua ordenação e, no dia da Páscoa, celebrou sua primeira missa.

Consta que o Pe. JOSÉ ANTÔNIO DOS REIS tomou parte discreta nos pródomos da Independência e que estivera ao lado do Príncipe D. Pedro, na noite da Independência, no Teatro de São Paulo.

IV - OUTRAS ATIVIDADES DE DOM JOSÉ, APÓS SUA ORDENAÇÃO.

Em 1823 seguiu para Minas Gerais, para ensinar Filosofia na cidade de Pouso Alegre, exercendo o magistério e o sacerdócio.

Em 1825, a chamado do Presidente da Província de São Paulo, Monteiro de Barros, Visconde de Congonhas do Campo, o Pe. JOSÉ ANTÔNIO DOS REIS assumiu a direção da primeira Biblioteca Pública da Província, por indicação do Bispo Dom Matheus.

Exerceu, também, as funções de membro do Conselho Geral da Província, Vereador da Câmara Municipal, Juiz de Paz de Sé e, como sacerdote, foi Capelão e Diretor do "Convento de Santa Teresa". Foi, ainda, Deputado à Assembléia Provincial, da qual foi Presidente.

A primeira Biblioteca Pública da Província funcionou, inicialmente, em salas do velho Convento de São Francisco e fundiu-se, mais tarde, com a Biblioteca da Faculdade de Direito de São Paulo, situada ao lado do referido Convento, no Largo de São Francisco.

V - DOM JOSÉ - O JURISTA

Os Cursos jurídicos no Brasil foram criados pelo Ato Imperial de 11 de agosto de 1827.

O Pe. JOSÉ ANTÔNIO DOS REIS matriculou-se, em 1828, na 1ª Turma da Faculdade de Direito de São Paulo, tendo colado grau de Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais em 24.10.1832, obtendo, pela sua aplicação, medalha de ouro, podendo-se afirmar que foi o aluno nº 1 da primeira turma da Faculdade de Direito de São Paulo, tendo sido aluno, dentre outros, de PRUDÊNCIO GIRALDES TAVARES DA VEIGA CABRAL, Professor da Cadeira de Direito Civil, cuiabano, Patrono da Cadeira nº 10 da Academia Mato-Grossense de Letras, cujo ocupante

é o eminente jurista Acadêmico Corsíndio Monteiro da Silva, um dos luminares das letras jurídicas pátrias.

Por ocasião do sesquicentenário da criação dos dois primeiros Cursos Jurídicos no Brasil, em São Paulo e Pernambucano, pela Lei Imperial de 11 de agosto de 1827, o Centro Acadêmico XI de Agosto da veneranda Faculdade de Direito de São Paulo prestou homenagem a Dom JOSÉ com uma placa de bronze, colada ao pedestal de seu busto, em frente ao vetusto Seminário da Conceição, que ele edificou na colina do Bom Despacho. Na placa, estão gravadas estas palavras:

Ao aluno nº 1 da Faculdade de Direito de São Paulo - Da 1ª Turma, em 24-10-1832 Dom José Antônio dos Reis, no centenário de sua morte. Homenagem eterna dos Acadêmicos de S. Paulo.- Centro Acadêmico XI de Agosto - 11- X - 1976.

A propósito do tema, escreveu o Acadêmico Ernesto Pereira Borges, que foi titular da Cadeira nº 6 da Academia Mato-Grossense de Letras e Secretário do I.H. G. M.T, estas palavras:

[...] pondo assim em destaque o valor e a significação dessa homenagem vinda dessa augusta Faculdade de Direito para o saudoso Bispo de Cuiabá, que foi o seu primeiro aluno matriculado e primeiro Diplomado, em primeiro lugar e com medalha de ouro. "Colocada e assim considerada, dentro das contingências difíceis de sua época, e dentro das circunstâncias precárias do meio em que atuou, a figura do saudoso Dom José se projeta em toda dimensão e altitude, com os atributos e as qualidades extraordinárias de sua excelsa personalidade. (Revista do I.H.G.M.T - 1978 - Tomos CIX - CX - Ano L - pág. 45).

VI - DOM JOSÉ - BISPO DE CUIABÁ

Corria o ano de 1831, quando, certo dia de setembro, em plena manhã radiosa, quando o Pe. JOSÉ ministrava de diácono em Missa Solene, chegou-lhe o decreto da Regência de 27 de agosto que o elegia Bispo de Cuiabá. Era o primeiro paulista, neto de TIBIRIÇA, elevado às honras do episcopado. Era, também, o primeiro Bispo saído Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito do Largo de São Francisco.

Foi Sagrado a 8 de dezembro de 1832 e iniciou sua penosa viagem para a Diocese de Cuiabá, no segundo semestre de 1833.

Em lenta cavalgadura, em lombo de burro, inicia Dom JOSÉ o longo itinerário terrestre, passando pela Vila Boa de Sant'Ana de Goiás, quando teve a oportunidade feliz de sagrar o primeiro Bispo daquela Diocese, Dom Francisco Ferreira de Azevedo, a 29 de setembro de 1833.

Na formosa oração que proferiu na sessão de sua posse no Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, em 1954, por ocasião do IV Centenário da cidade de São Paulo, Dom Francisco de Aquino Corrêa faz questão de ressaltar quão difícil teria sido a travessia do incomensurável deserto oriental de Mato Grosso, nos idos de 1833:

Que horror! quando, ao cair das tardes, os índios bravos assobiavam, os jaguares rugiam, as cascavéis chocalhavam, as antas estatelavam o mato no seu trote desabalado, e as varas de queixadas avançavam, estralejando os colmilhos, num retintim de combate!

A Diocese de Cuiabá foi criada pela Bula *Sollicita catholici gregis cura*, de Leão XII, em 15.07.1826.

A então Prelazia de Cuiabá fora administrada, no período de 1808 a 1821, por Dom Luís Pereira de Castro, que faleceu em 1821, sendo substituído pelo frei José Maria Macerata, que governou a Prelazia de 1823 a 1831, quando foi destituído de suas funções por decreto regalista da Regência, expedido pelo Ministério da Justiça e Negócios Eclesiásticos, por não ser brasileiro. O Arcebispo da Baía nomeou Pe. Antônio Tavares, Vigário Capitular, em 1831, até a chegada de Dom José.

Mato Grosso viveu um período político muito conturbado, a partir da nomeação do último Capitão-General, Francisco de Paula Magessi Tavares, que assumiu a administração da Capitania a 6 de janeiro de 1819. Seu governo foi absolutamente desastroso e impopular, o que resultou na sua deposição na noite de 19 para 20 de agosto de 1821. A propaganda da Independência muito contribuiu para recrudescer o sentimento nativista. Em 1821, assumiu o poder uma Junta Governativa, sob a Presidência de Dom Luis de Castro Pereira, Prelado de Cuiabá e Bispo de Ptolomaída, que veio a falecer no exercício dessas funções, no mesmo ano de 1821, e foi sepultado na Catedral. *Nessa fase de transição do período colonial para o primeiro império, Mato Grosso viveu um regime de anarquia que durou até 1825, quando assumiu o governo da então Província de Mato Grosso o Tenente-Coronel José Saturnino da Costa Pereira.* (História de Mato Grosso, de Rubens de Mendonça, 3ª edição, 1981, pág. 27).

A conjuntura política continuou conturbada, mesmo após a posse do Presidente Antônio Corrêa da Costa, em 21 de julho de 1831, o qual enfrentou novas dificuldades, até que, não querendo participar do levante que então se prenunciava, entregou o

Governo ao Capitão José de Melo Vasconcelos e este, em seguida, o transferiu ao Coronel João Poupino Caldas, caudilho de real prestígio na Província.

Dom Aquino, no seu discurso de posse no I.H.G.S.P, registra a injustiça praticada contra o Frei José Maria de Macerata, “santo e taumaturgo”, destituído de sua investidura prelatícia, fato este que concorreu para o recrudescimento do “JACOBINISMO INDÍGENA”. E assinala:

Quer-me parecer que esta mesma atmosfera pesada e lúgubre, em que Dom José foi encontrar a diocese, não permitiu que a sua recepção correspondesse à magnitude do evento. Esta, ao menos, a impressão que nos causa, e a explicação que nos sugere o silêncio das crônicas.

VII - DOM JOSÉ E A “RUSGA” OU “MATANÇA DOS BICUDOS

Sob a inspiração e o comando do Cel. João Poupino Caldas, a 30 de maio de 1834, por volta das 11 horas da noite, irrompeu o movimento nacionalista contra os “bicudos”, alcunha pejorativa que os cuiabanos davam aos portugueses. Era a reação violenta e sanguinária contra os portugueses, cuja tirania, no período colonial, deixara marcas profundas nos brasileiros que viviam nesta distante Província.

Ninguém poderia refrear a fúria da massa popular que exigia a retirada dos portugueses do solo pátrio. Muitos portugueses foram assassinados e seus estabelecimentos comerciais completamente depredados.

Dom JOSÉ, nessa hora de horror, angústia e confusão, empunhando um grande crucifixo, saiu pelas ruas, tentando acalmar a população revoltada. Tudo em vão.

Dom Aquino perpetuou o fato neste soneto:

*Ao grave badalar do sino sobre a torre,
Em plena meia-noite, eis que o motim se agita:
Vibram os clarins, cortando a calada infinita
E há tropel de quem foge, e vascas de quem morre.*

*O sangue português em púrpuras escorre,
No vale em flor, por onde o Cuiabá dormita:
Trinta de maio! Noite atroz! Noite maldita!
Que eterno sobre ti, o nosso pranto jorre!*

*Então foi que se viu (aparição arcana!)
Entre acesos brandões, a pé, de rua em rua,
O Bispo Dom José passar, triste e silente!*

*Nas mãos ambas erguendo a cruz, onde amplamente,
Cristo os braços abria, exangue, à luz da lua,
Aplacando o furor da tempestade humana!*

VII - DOM JOSÉ NA CORTE

No período de 16 de outubro de 1834 a 20 de janeiro de 1842, Dom JOSÉ permaneceu ausente da Diocese, no Rio de Janeiro, convocado que fora como representante de São Paulo na Câmara dos Deputados. Em duas legislaturas consecutivas, Dom JOSÉ, Bispo e Jurista, bem cumpriu seu mandato de Deputado.

Em 24 de agosto de 1839, foi empossado no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, o "Silogeu Brasileiro", a que haveriam de pertencer, também, o Bispo Dom Carlos Luiz D'Amour e o Arcebispo Dom Francisco de Aquino Corrêa.

Coube-lhe, ainda, officiar a sagração episcopal de Dom Manoel de Monte Rodrigues da Araújo, como Bispo Diocesano do Rio de Janeiro e futuro Conde de Irajá, pondo fim a uma pendência entre a Santa Sé e o Governo Imperial.

Participou, a 18 de julho de 1841, da solene coroação do Imperador Dom Pedro II, ostentando no peito a cobiçada comenda da Ordem de Cristo.

Não descurou dos seus misteres de Bispo, eis que ordenou dezenas de sacerdotes, além de participar da formação dos candidatos da Diocese da Cuiabá, que ele levava consigo.

Durante a permanência de Dom JOSÉ na Corte, o Bispado de Cuiabá foi governado pelo Pe. José da Silva Guimarães, de 1834 a 1841.

Dotado de grande cultura, o Pe. José da Silva Guimarães exerceu importantes cargos eclesiásticos e civis, inclusive o de Presidente da Província, no período de 1840 a 1843. Foi membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e é o Patrono da Cadeira nº 7 da Academia Mato-Grossense de Letras, ocupada pela querida confrreira D. Maria de Arruda Müller, decana do Sodalício.

VIII - O SEMINÁRIO DA CONCEIÇÃO - A VOCAÇÃO PARA O MAGISTÉRIO FOI UMA CONSTANTE NA VIDA DE DOM JOSÉ.

No seu retorno definitivo para Cuiabá, cuidou desde logo de organizar o ensino eclesiástico, com o firme objetivo da fundação de um Seminário. Por este ideal, ele haveria de derramar sangue, suor e lágrimas que se fundiram nas grossas paredes da majestosa construção.

Por ocasião do Centenário do Seminário da Conceição, Dom Orlando Chaves, então Arcebispo Metropolitano de Cuiabá, editou importante Carta Pastoral, para comemorar o “gratíssimo acontecimento”. Desta histórica Carta Pastoral colhem-se preciosas informações a respeito do magistério de Dom JOSÉ até o lançamento da pedra fundamental, a 7 de dezembro de 1858; sua fase áurea de 1853 a 1866; sua decadência a partir da guerra do Paraguai.

Assim, Dom José, em aqui retornando, deu início às aulas de Teologia em sua própria residência, na Rua Antônio Maria, velho sobrado onde funcionou a primeira Cia. Telefônica de Cuiabá. Em 1844, nomeou o Pe. Manoel Simões Pires de Miranda professor público de Teologia Moral, ampliando o ensino, até então ministrado só por ele. Ordenou quase duas dezenas de sacerdotes.

A 13 de abril de 1853, obteve Dom JOSÉ a edição do Decreto Imperial nº 1.149, que criava oficialmente a Cadeira de Teologia Dogmática e Moral e, a 22 do mesmo mês, Aviso Ministerial nomeava o Pe. Ernesto Camilo Barreto, da Arquidiocese da Bahia, para vir reger a recém-criada Cadeira. O Curso do Seminário funcionou, inicialmente, na própria residência episcopal e, posteriormente, nas sacristias da antiga Capela do Bom Despacho. Os Estatutos foram aprovados em 15 de setembro de 1854.

Dom JOSÉ, com muita persistência, queria um edifício próprio para o Seminário a que deu o nome de “Seminário da Conceição” em homenagem à Padroeira do Império.

Com uma Diocese completamente parca de recursos, Dom JOSÉ teve de socorrer-se de muitas súplicas ao Governo do Império e da Província. Lançada a pedra fundamental a 7 de dezembro de 1858, a obra só foi completada em 1882, pelo bispo Dom Luis D’Amour. Todavia, em 1863, o prédio já oferecia condições de nele funcionarem as aulas.

Em sua Carta Pastoral, assim se refere Dom Orlando Chaves ao prédio do Seminário:

Dom José, varão de vistas largas, quis que a grandiosidade do edificio do Seminário refletisse a idéia que êle tinha da formação do Clero da Diocese. Escolheu o engenheiro do Exército Major Pedro Heitor, homem competente, para elaborar-lhe a planta, cabendo ao nobre Capitão Antônio Cerqueira Caldas, mais tarde Barão de Diamantino, dirigir as obras.

Por muitos anos seria o edificio mais grandioso da Capital e da Província. Hoje ainda pode ser admirado em toda a majestade de suas alas: a fachada voltada para o nordeste tem 39 mts. por 13,50

mts. e a ala do Sudeste, 48 mts. por 13 mts. A altura 12mts., em dois andares. A construção ocupa uma área de 1.150 mts.2, com 2.300 mts.2 de pavimento nos dois andares. Os alicerces da pedra canga sustentam vigorosamente as paredes de 1 mt de largura e 12 mts. de altura, de taipa socada. Seu perfeito estado após 100 anos atesta a solidez da construção.

A ampla escadaria de pedra de 7 mts. de largura, da fachada, com que se sobe da portaria do Seminário para a Igreja do Bom Despacho também é construção de Dom José.

O corpo docente do Seminário, sob a direção do Pe. Ernesto Camilo Barreto, era da melhor qualidade e, naquela época, era o único Estabelecimento de Ensino Secundário da Província; foi o centro de estudos da juventude cuiabana e por ali passaram grandes vultos da história mato-grossense, como os irmãos Murinho, Generoso Ponce, o Almirante João Batista das Neves, o Senador Azeredo, entre outros varões ilustres.

O Seminário da Conceição foi a grande obra de D. José.

Em *Lendas e Tradições Cuiabanas*, o historiador Francisco Alexandre Ferreira Mendes, Edição da Fundação Cultural de Mato Grosso, 1977, narra, que de 1890 a 1894, esteve o Seminário entregue aos padres Lazaristas. Com a retirada dos Lazaristas, o Seminário voltou à administração direta do bispo. Em 1895, com a idade de dez anos, entrou como aluno o menino Francisco de Aquino Corrêa, o futuro grande Arcebispo. Fechado o Seminário em 1899, Dom Aquino foi para o Liceu Salesiano São Gonçalo e a 4 de novembro de 1904 ingressou no Noviciado Salesiano do Coxipó, iniciando a sua brilhante trajetória. Os missionários franciscanos dirigiram de 1904 a 1907. Dom Carlos, que residia na Rua 13 de junho, transferiu sua residência para o Seminário. Dom Aquino, ao deixar o Governo do Estado, a 22 de janeiro de 1922, passou a residir no Seminário, onde permaneceu por trinta anos. De 1934 a 1941, Dom Aquino implantou o Noviciado no Seminário, que reviveu seus dias de glória. Quarenta e três estudantes chegaram ao sacerdócio, entre eles os Padres Pedro Cometti e Firmo Pinto Duarte.

Com a Segunda Guerra Mundial, terminaram as expedições missionárias e o Seminário transformou-se em Aspirantado. Em 1957, com a posse de Dom Orlando Chaves na Arquidiocese, o Seminário manteve um curso ginásial, ocupando todo o prédio. Dom Orlando passou a residir na "Torre de Marfim", Palácio Arquiepiscopal. Posteriormente, a Rádio Bom Jesus instalou-se no prédio, onde também se encontra o "Museu Dom Aquino", por iniciativa feliz do Pe. Wanir Delfino Cesar. No período de 1918 a 1922, o Frei Ambrósio Daydé, tendo como arquiteto e construtor o também francês Leon Joseph Louis Mousnir, fez erigir no alto do morro do Seminário, no local

da antiga capela, “a pequena obra prima da arquitetura”, em estilo predominantemente gótico. O Seminário da Conceição ficou situado entre o Palácio Episcopal e a Igreja do Bom Despacho, sendo este monumento escolhido como símbolo de Cuiabá e foi tombado pela Fundação Cultural de Mato Grosso, D.O.E., de 13/10/1977.

IX - PELICANO DO DESERTO, DOM JOSÉ!

Ao cuidar do apostolado de Dom JOSÉ, quando do seu retorno definitivo para Cuiabá, Dom Aquino o cognomina “Pelicano do Deserto”:

Aqui começa propriamente o grande episcopado de Dom José: sepultou-se vivo, no deserto, donde não mais saiu, ao longo de quase trinta e cinco anos! Por toda aquela silenciosa amplidão, só se ouvia palpitar um coração de Bispo: era o seu!

Mais adiante, assinala o grande Arcebispo:

Coube ao primeiro Pastor daquele imenso aprisco, lídimo Pastor, que por tantos anos, dia e noite, conviveu com as suas ovelhas, infundir-lhes nova vida, ou melhor, a própria vida, plasmando assim, paternalmente, a alma do nosso povo.

Em seguida, vem a linguagem metafórica da ave “hierática e sagrada”:

É o pelicano um corpulento palmíde das solidões marinhas do Medio, a quem dedicou a musa de Musset clássicos versos, poetizando a tradição popular de que nutria ele os filhinhos com a própria carne e sangue. E assim, quando, à tarde, uma dessas tardes melancólicas do oceano, volta ele ao ninho, cansado de longos e inúteis vôos, diz o poeta que a faminta ninhada corre a receber o biscato, mas o pobre pássaro, que nada pescou, só lhes propina, por único alimento, o coração a sangrar: “Pour toute nourriture, il apporte son coeur!”

Pelicano do deserto, Dom José! Pelicano da solitária Diocese de Cuiabá! Foste, em verdade, essa ave hierática e sagrada, que, na tua extrema pobreza, não pudeste oferecer aos filhos espirituais senão o teu coração de Bispo! Mas, nesse coração, os alimentastes com os manjares da imortalidade, que são a fé, a esperança e a caridade!

Depois de referir-se às raras, mas bem preparadas visitas, às sessenta Cartas Pastorais, às suas constantes pregações das verdades eternas, à sua devoção à Virgem Maria, cuja Imaculada Conceição defendeu perante o Papa Pio IX, Dom Aquino assim encerra este título:

Pelicano do deserto, Dom José! Mas foi, sobretudo, com a caridade evangélica do teu coração, que sustentastes o teu povo, pugnando pelos direitos dos humildes, dos pobres e dos escravos, e confortando a todos, nos transe mais angustiosos, como a "Rusga", a Guerra do Paraguai e as "bexigas", ou peste da varíola, em que viste tombar mais da metade de teus padres, e em que tal foi a mortandade, que mal se podiam sepultar os cadáveres, apesar de teres instalado no teu Seminário e na tua residência particular dois hospitais de variolosos, de quem te fizeste o mais caridoso enfermeiro!

X - MORTE GLORIOSA

A biografia de Dom JOSÉ ANTÔNIO DOS REIS, Primeiro bispo de Cuiabá, constante da magnífica oração de posse do Arcebispo Dom Francisco de Aquino Corrêa no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, acha-se publicada no volume II, Tomo III, da obra comemorativa do centenário de nascimento de Dom Aquino, organizada pelo ilustre Acadêmico Corsíndio Monteiro da Silva, Brasília, 1985, e impressa no Centro Gráfico do Senado, com expressa autorização dos Senadores Nilo Coelho e Moacyr Dalla e o empenho do Senador Gastão Müller, representante de Mato Grosso na Câmara Alta. Esta edição especial das obras de Dom Aquino constitui marco relevante da cultura mato-grossense e brasileira, merecendo especial destaque e referência.

Ao fazer referência a morte de Dom JOSÉ sepultado na Igreja Matriz, como o foi Pascoal Moreira Cabral, relembra Dom Aquino a imponência dos ofícios fúnebres que então foram celebrados reunindo as mais altas autoridades até os mais humildes fiéis, quando a alma popular não se conteve e murmurou:

Assim se pode morrer!

Reportando-se à Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Tomo XXXIX, parte segunda, página 535, ano 1876, transcreve o exórdio da oração proferida no Silogeu Brasileiro pelo Dr. J. Tito Nabuco de Araújo:

Ouçõ agora uma música celeste; parece que meus olhos estáticos contemplam um quadro maravilhoso; Vejo um túmulo cercado de querubins e anjos, desferindo em haspas eólias, cânticos sagrados. O perfume da mira embalsama a atmosfera; uma luz semelhante à eletricidade refulge no mármore; o orvalho bendito das lágrimas de milhares de justos, dourados pelos reflexos da luz divina, caem como chuva de ouro sobre uma fronte adormecida e cercada da auréola dos eleitos do Senhor.

Quem é o santo, que dorme?

De quem essa lousa, convertida em trono de glória?

Um coro angélico, como jamais ouvirei na terra, glorificou o nome do justo e sagrou um santo.

O justo e o santo, que os arcanjos memoram no céu, chamava-se entre os vivos Dom José Antônio dos Reis, Bispo de Cuiabá.

E Dom Aquino conclui sua elocução com estas palavras:

Depois de tudo isto, Senhores, é natural e justo que, também nós repitamos com o povo cuiabano:

“Assim se pode morrer!” Porque, morrer assim, não é morrer, mas imortalizar-se!”

Há 20 séculos, o filho de um carpinteiro nascia, em Belém, numa choupana e foi colocado por sua mãe numa manjedoura, que lhe serviu de berço.

Dezenove séculos mais tarde, Dom JOSÉ foi um dos mais humildes servidores do filho de José e Maria.

Novos pregadores surgiram para a defesa do domínio material, mas a grandeza do espírito resplandece para o predomínio de um mundo novo, na visão beatífica de Deus e do mundo da espiritualidade. Há uma inquietante perplexidade em todo o orbe, num mundo conturbado pela agitação cibernética. Parece que é chegada a hora do apocalipse! É nessa hora que ressurgem os “mágicos”, que vão sustentar, com pilastras imperecíveis, as colunas mestras da humanidade inteira. É nessa hora que ressurgem os heróis, os justos e os santos, como paradigmas do homem e da humanidade.

Dom JOSÉ ANTÔNIO DOS REIS é um dos “magos”, que nos despertam para a caminhada em direção à espiritualidade, independentemente da crença que professamos.

Cuiabá, janeiro de 1999.